

ESTÁGIO DOCENTE NA GRADUAÇÃO EM DISCIPLINAS SOCIOCULTURAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESEF - UFRGS

Christiane Garcia Macedo; Juliana A. Werner; Silvana Vilodre Goellner

Resumo: Neste texto relatamos nossa experiência no estágio docente na graduação no primeiro semestre de 2012 nas duas turmas de primeira etapa na disciplina de Estudos Socioculturais I, obrigatória para o curso de licenciatura em Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Primeiramente descrevemos rapidamente o programa da disciplina e sobre como as temáticas foram trabalhadas em aula. Em um segundo momento, discutiremos a importância das disciplinas de viés socioculturais para a formação dos estudantes do curso de educação física tentando perceber como as temáticas trabalhadas em aula podem servir de subsídio para as práticas futuras desses enquanto profissionais da área. Por fim, apresentamos uma reflexão sobre esta experiência na nossa formação enquanto mestrands do Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano (ESEF - UFRGS).

Palavras-chave: Educação Física, olhar sociocultural, docência.

O estágio docente na graduação é um aspecto importante na formação de pós-graduandos(as) porque nos possibilita a experiência de ser professores(as) nos dando o suporte teórico e metodológico de professores(as) mais experientes. Esta atividade colabora com a formação de professores para o ensino superior, que segundo a Lei Federal 9394 (1996), especialmente seu artigo 66, seria uma das responsabilidades da Pós-graduação, com prioridade para os níveis de mestrado e doutorado. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) implantou a obrigatoriedade deste estágio para bolsistas cursos de mestrado ou doutorado, estabelecendo que “O estágio de docência é parte integrante da formação do pós-graduando, objetivando a preparação para a docência, e a qualificação do ensino de graduação sendo obrigatório para todos os bolsistas do Programa de Demanda Social” (CAPES, 2002, p.8).

Neste texto relatamos nossa experiência no estágio docente no primeiro semestre de 2012 nas duas turmas de primeira etapa na disciplina de Estudos Socioculturais I, obrigatória para o curso de licenciatura em Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Primeiramente descrevemos rapidamente o programa da disciplina e sobre como as temáticas foram trabalhadas em aula. Em um segundo momento, discutiremos a importância das disciplinas de viés socioculturais para a formação dos estudantes do curso de educação física tentando perceber como as temáticas trabalhadas em aula podem servir de subsídio para as práticas futuras desses enquanto profissionais da área. Por fim, apresentamos uma reflexão sobre esta experiência na nossa formação enquanto mestrands do Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano (ESEF - UFRGS).

A disciplina Estudos Socioculturais

A Disciplina Estudos Socioculturais (ES) I é nova, foi incluída no currículo implantado na ESEF em 2012. Pertence a um eixo temático que comporta mais duas disciplinas, ES II e ES III. As ênfases de cada disciplina desse eixo são: ES I – conceitos socioculturais básicos; ES II – história; ES III – temas contemporâneos. Todas fazem a relação com as práticas corporais esportivas ou não. O objetivo da disciplina ES I era:

A partir do olhar das ciências sociais, proporcionar uma visão ampliada acerca da inserção de diferentes tipos de práticas corporais em contextos socioculturais diversos, procurando através de sua compreensão, estabelecer relações entre elas e as áreas de atuação profissional de educação física na sociedade contemporânea, em especial na brasileira¹.

O plano de aula, bem como cronograma e organização das atividades programadas, foi elaborado em conjunto com os professores responsáveis pela disciplina. A disciplina foi dividida em três módulos. No primeiro foram abordados conceitos socioculturais básicos de antropologia, sociologia e sua relação com o corpo e com a educação física. No segundo foram trabalhados aspectos pontuais sobre identidade e diferença,

¹ Retirado do Plano Geral da disciplina.

destacado para um debate mais específico os seguintes temas: raça, geração, gênero e sexualidade. E por fim, no terceiro módulo foram discutidas questões relacionadas à esporte, lazer e saúde em suas concepções e aspectos históricos, fazendo um contraponto com a realidade do profissional de educação física. A disciplina foi programada com 16 encontros semanais que comportavam 4 períodos de 50 minutos. As aulas eram coordenadas pelos professores responsáveis pela disciplina (retirado para evitar a identificação de autoria do trabalho), alguns convidados e por nós.

A metodologia das aulas comportou diferentes dinâmicas: aulas expositivas, debates, apresentação de trabalhos, vídeos, leitura e atividades em sala e fora. Foram utilizados 12 textos-bases (Módulo I – 5, módulo II – 4 e módulo III – 3). Praticamente todas as aulas iniciaram com a realização de uma mini-prova, onde os alunos tinham 10 minutos para responder a uma questão referente ao texto que fora escolhido para nortear as questões em cada aula. Além disso, a cada aula havia um grupo de alunos, decidido previamente, responsável por fazer uma retomada da aula anterior destacando os pontos abordados pelos (as) professores(as). Essa metodologia tinha como objetivo auxiliar os alunos na leitura comprometida dos textos programados para a disciplina, além de desenvolver o senso de responsabilidade e comprometimento. O processo de avaliação foi contínuo, além das mini-provas e relato, os alunos foram avaliados pelos trabalhos apresentados, provas e participação, somando 18 itens de avaliação. Acreditamos que tais atividades foram de extrema importância, especialmente considerando que a turma era de primeiro semestre, para desenvolver o hábito da leitura e posicionamento crítico frente ao conteúdo trabalhado.

O Olhar sociocultural: estranhamento dos alunos e convite à reflexão

No decorrer do semestre de trabalho, percebemos a dificuldade dos alunos quanto a apreensão dos conceitos por um viés mais sociocultural. As discussões provocadas em aula nos fizeram pensar sobre o quanto a educação física ainda percebe o corpo e suas manifestações através de uma lente dos estudos biológicos, prioritariamente, e sobre o quanto ainda são rasas as discussões acerca da construção histórica e social desse corpo. Os primeiros textos abordavam que as ações humanas estão sempre relacionadas a uma dimensão cultural, por exemplo, mesmo a fome pode se manifestar de formas diferentes dependendo da socialização recebida. Alguns alunos defendiam que estas questões não passavam de “instintos”, exemplificando com o “instinto materno” ou o “instinto de sobrevivência”. E isso não foi resolvido em apenas uma aula.

Destacamos da nossa experiência com a atividade docente a dificuldade dos(as) alunos(as) de entender o corpo como um constructo social e historicamente construído, para além dos fatores puramente biológicos. Isso se evidenciou mais claramente nas aulas que abordamos os conceitos de gênero e sexualidade, onde alguns alunos foram bastante incisivos em defender suas ideias sobre a “utilidade” das genitais, por exemplo, no exercer da sexualidade dos sujeitos. Por vezes afirmando que as relações homossexuais não são “normais” ou “naturais” e justificando suas concepções por fatores anatômicos. Não se dando conta que até mesmo os conceitos sobre o que é normal ou natural são construídos histórica e socialmente.

Percebemos também uma dificuldade na aceitação da complexidade dos conceitos, não sendo possível coloca-los como fechados. Por exemplo, no debate sobre raça, um dos alunos questionou se não haveria um percentual de pigmentação da pele que poderia definir se a pessoa era negra ou não. Esta dificuldade foi maior ainda quando se falou das áreas de atuação. Existe uma ansiedade por delimitar bem o que eles devem fazer em determinada situação, assim como por classificar sem dúvidas ou questionamentos determinada atividade.

Outro ponto sempre levantado pelos alunos foi relacionado a questão de certo e errado em relação aos conceitos. Como as ciências sociais trabalham com conceitos complexos que não podem ser fechados e necessitam de uma contextualização e reflexão constante, eles defendiam que então não se podia dizer que as respostas que eles davam nas avaliações não podiam ser consideradas equivocadas pois era o ponto de vista deles.

Como tentamos resolver estas questões? Primeiro, buscando o trabalho com os textos, demonstrando a seriedade das pesquisas científicas em contraposição a uma ideia superficial. Também recorremos a outros artigos e pesquisas que trabalhavam diretamente com a educação física e esportes e aos exemplos práticos. Utilizamos muitos materiais audio-visuais para materializar o debate, evidenciando principalmente os preconceitos que eles mesmo traziam. Além disso, um ponto que consideramos fundamental foi o exercício da reflexão crítica feita tanto pelos debates em sala de aula, quanto pelas atividades avaliativas que solicitávamos reflexão sobre os temas. No fim do semestre isso ficou muito mais fácil, evidenciado pela diferença entre as primeiras e as últimas atividades. Temos consciência que nem todos os alunos foram sensibilizados, mas muitos despertaram para as questões sócio-culturais e a necessidade da sua abordagem na Educação Física.

Aprendendo a “ser professor”

Avaliamos que esta experiência foi fundamental para nossa formação enquanto mestrandas principalmente nos seguintes pontos: a. O acompanhamento de toda uma disciplina desde seu planejamento até sua avaliação nos possibilitou decidir diversas posturas que teremos ou não e discuti-las; b. oportunizou que fossem observadas e recebêssemos um *feedback* tanto da colega que estava junto quanto dos professores; c. operacionalizamos as aulas percebendo dificuldades de tempo e estrutura que influenciavam no andamento e como resolver; d. o contato com os alunos e a responsabilidade com os conceitos nos colocou o desafio de ser professor e que isso envolve muita argumentação, convencimento e busca constante de conhecimento; e. trabalhar com as avaliações nos fez repensar sobre esse processo e da sua relação com o que oferecemos e o que cobramos.

Para além das contribuições para a nossa formação, a experiência evidenciou a importância da inclusão de disciplinas que tenham como proposta um olhar sobre o corpo por um viés das ciências humanas nos currículos dos cursos de educação física, sejam eles licenciaturas ou bacharelados. E que o tripé que rege a universidade (ensino, pesquisa e extensão) tem muito a ganhar com o estágio docente. Consideramos que esta atividade deveria ser repensada e integrada a formação, não sendo simplesmente o cumprimento de uma obrigação para bolsistas.

Agradecimentos

Agradecemos também aos professores Marco Paulo Stigger e Alex Branco Fraga, responsáveis pela cadeira e que apoiaram todo estágio. À Escola de Educação Física da UFRGS. À CAPES e ao CNPQ pela concessão de bolsas de mestrado para as alunas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei Federal 9394**, 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, setembro de 1996.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Portaria Nº 52**, 26 de setembro de 2002. Regulamento do Programa de Demanda Social, Brasília, setembro, 2002.

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Resolução Nº 42/99**. 20 de outubro de 1999. Porto Alegre, 1999.